

O porquê de trabalhar

As pessoas, em geral, têm de trabalhar. Poucos são aqueles afortunados que podem viver sem precisar trabalhar. Na verdade, hoje em dia trabalhamos tanto que nem temos tempo para pensar seriamente sobre o nosso trabalho e a nossa carreira e o que ambos significam em nossa vida. A maior parte das pessoas só pára para fazer esse tipo de reflexão quando se depara com algum tipo de crise, por exemplo, quando a idade avança ou então quando surge uma demissão inesperada.

Mas, nem sempre o trabalho foi assim. Na Antiguidade, por exemplo, os cidadãos não trabalhavam – apenas os escravos o faziam. Já no período feudal, o trabalho era realizado no âmbito familiar, para a própria subsistência e a do senhor feudal – a nobreza não trabalhava, a não ser fazendo política e guerras. Em geral, nesse período, o trabalho seguia o curso da natureza.

Na perspectiva histórica, o trabalho do artesão na Idade Média é normalmente considerado o modelo ideal de trabalho. E por uma série de razões. Primeira, o artesão tinha um ofício, especializado, que era aprendido ao longo da vida. Segunda, ele trabalhava sob encomenda e, portanto, só poderia aceitar encomendas ao alcance de sua maestria ou da possibilidade de desenvolver as competências necessárias para o cumprimento da encomenda. E, por fim, ele só aceitaria encomendas na

medida em que satisfizessem suas necessidades de subsistência.

Ao trazer o emprego como forma predominante de trabalho, o capitalismo quebra a relação direta entre trabalho e sobrevivência. O foco desvia-se do número de horas e do objeto do trabalho para o ganho do dinheiro necessário à sobrevivência. No mundo atual, quanto mais se trabalha, maiores são as chances de avanços na carreira e, portanto, maiores as chances de se ter melhores salários e garantir a sobrevivência.

Contudo, qual é exatamente a medida da sobrevivência? Talvez a pergunta seja de difícil resposta nos dias de hoje. Primeiro, porque em muitos casos não se trata de sobrevivência em nível mais básico – de fato, muitas pessoas, ao trabalharem muito, ganham muito mais do que o “necessário”.

Isso quer dizer que as pessoas podem estar trabalhando hoje em uma intensidade muito além da necessária para garantir a sobrevivência: estão trabalhando para obter status, reconhecimento social ou, simplesmente, porque não têm algum projeto alternativo (exceto o de trocar de carro, comprar outra casa e outras duplicações do gênero). Nesse ponto, Marx ainda é atual: a “mais-valia”, ou seja, a diferença entre o quanto trabalhamos e o quanto recebemos, parece ter aumentado exponencialmente na atualidade, com a diferença de que agora não parece haver a alternativa da Revolução...!



Beatriz B. Lacombe
FGV-EAESP